

FHC deve trocar equipe, diz Mendonça de Barros

Para ex-ministro das Comunicações, só assim será possível haver crescimento econômico

SUELY CALDAS

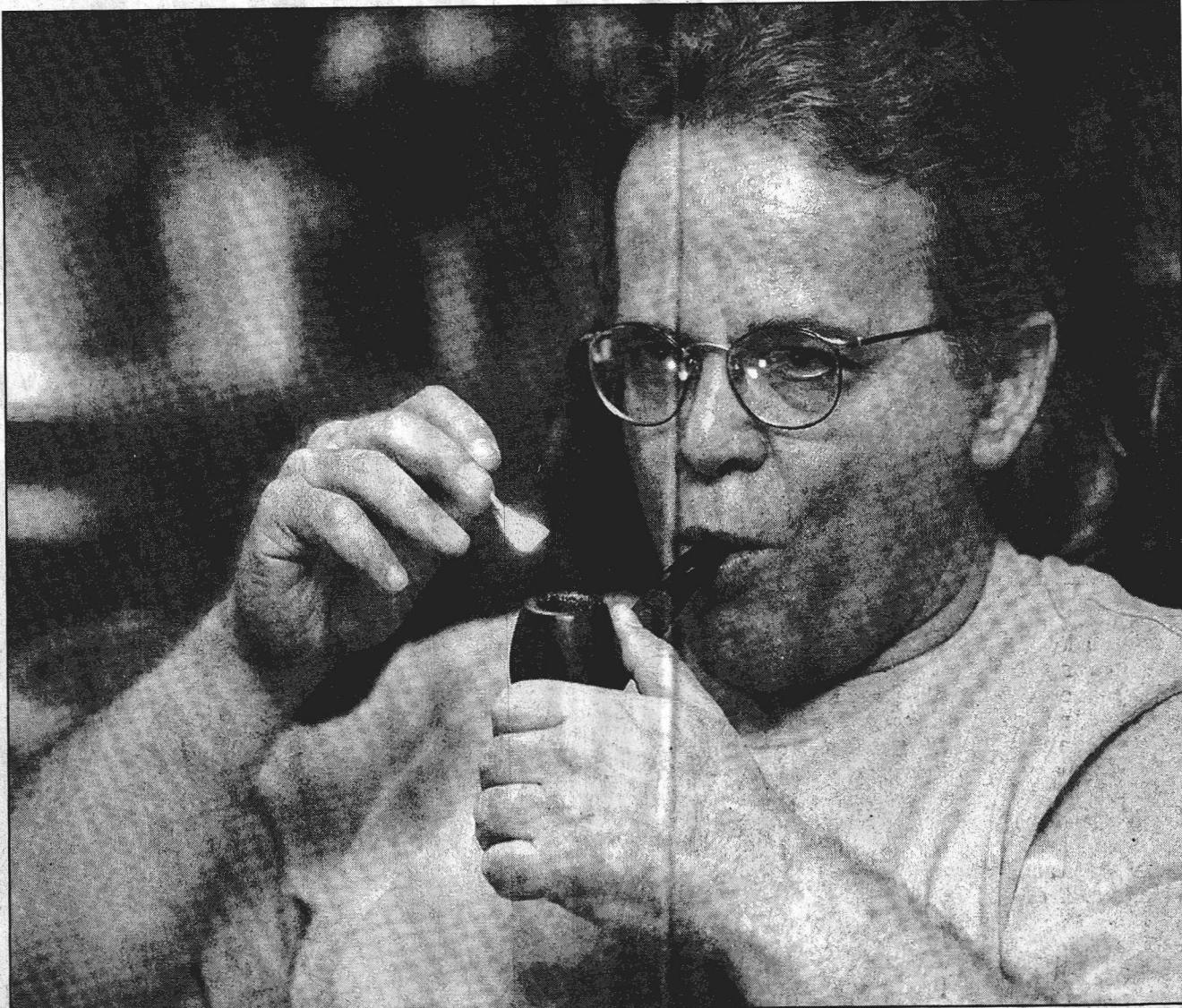
RIO - O presidente da República precisa trocar toda a equipe econômica, com exceção do presidente do Banco Central, Armínio Fraga, para criar condições de negociar com o Congresso uma nova agenda de governo, acabar com a turbulência momentânea do mercado financeiro e reiniciar o segundo mandato na direção do crescimento econômico. Essa é a proposta do ex-ministro das Comunicações Luís Carlos Mendonça de Barros, atual vice-presidente do PSDB, para Fernando Henrique Cardoso buscar uma saída para os três anos e meio que lhe restam de governo. Ele argumenta que Armínio Fraga deve ficar porque tem revelado bom desempenho e é respeitado no mercado financeiro internacional.

"Está incomodando essa posição de não mexer na equipe", disse Mendonça de Barros. "Mudou a realidade política, não deu certo o modelo de estabilização do ministro Malan, portanto, tem de mudar a lógica do governo - a equipe que está aí ficou cansada, não serve mais."

Como Armínio Fraga, o ex-ministro acha que a economia está nos trilhos, preparada para voltar a crescer. "A crise é política e tem se refletido sobre o mercado financeiro." Para ele, o perigo é ela prolongar-se e "acabar contaminando o lado real da economia", adverte.

Realidade mudou - Vinculado politicamente ao governador Mário Covas e ao PSDB de São

FRAGA É O
ÚNICO
QUE DEVE
FICAR



Sérgio Castro/AE

Paulo, Luís Carlos Mendonça de Barros usa o argumento político para defender a demissão de equipe comandada por Pedro Malan. "O governo precisa reconhecer", analisa,

ria no Congresso passa a ser diferente, construída em outras bases." Essa nova conjuntura, assinala, foi o que levou o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-Ba) a fomentar a discussão sobre a pobreza. "ACM entendeu o novo momento."

Reconhecer essa diferenciação política entre o primeiro e o segundo mandato é o primeiro passo para FHC definir a sua estratégia para lidar com os partidos que compõem a base de apoio no Congresso. "Nesse contexto não adianta absolutamente nada a equipe econômica manter a mesma posição do primeiro mandato", avalia, recon-

mendando ao governo que "esqueça propostas como idade mínima para aposentadoria ou manter a irracionalidade fiscal do primeiro mandato, porque o Congresso não vai aprovar mesmo". Mendonça de Barros entende por "irracionalidade fiscal" a multiplicação de impostos, alguns criados pelo governo FHC que tiram eficiência das empresas. E critica particularmente a CPMF: "Está destruindo o mercado de capitais e incentivando a saída de dinheiro." A alternativa, propõe, "é buscar uma estrutura racional, enfrentando com firmeza a reforma tributária".

Mendonça de Barros: "Mudou a realidade política, não deu certo o modelo de estabilização do ministro Malan, portanto tem de mudar a lógica do governo - a equipe que está aí não serve mais"

negociada, a equipe econômica deu uma meia-sola, não resolreu, adiou e a questão reaparece agora." Na linha da negociação incansável, Mendonça de Barros propõe como solução "o governo sentar com os ruralistas e buscar um entendimento o mais racional possível".

O caminho da negociação não é restrito ao Congresso, amplia-se para a opinião pública, avalia o ex-ministro. Nesse sentido, o aumento de preço dos combustíveis foi "um erro de enorme irresponsabilidade", que levou a opinião pública à sensação de que a inflação voltou.

Para Mendonça de Barros, o País precisa de um choque de otimismo em relação ao futuro. E para que esse choque ganhe credibilidade é preciso mudar temas e pessoas identificadas com o que predominou no primeiro mandato de FHC. Ele reconhece que a alta do dólar e seus efeitos sobre o mercado financeiro têm outras razões, além do ambiente de vacilação e indefinição política que tem dominado este segundo mandato. A crise econômica na Argentina e em outros países da América Latina, além da expectativa de aumento dos juros nos Estados Unidos tem também ajudado a empurrar o dólar para cima.

Meta é 2002 - Desde que assumiu a vice-presidência do PSDB, Luís Carlos Mendonça de Barros viaja pelo Brasil, levando para as bases do partido as propostas de seu grupo. O ministro Malan e sua política econômica estão no epicentro das críticas. Na semana passada esteve em Goiás, a convite do governador tucano Marconi Perillo. Essas andanças, diz ele, não têm objetivo pessoal eleitoral. Não nega que seu papel no PSDB tem por meta as eleições para a sucessão de FHC em 2002 e descontra, rindo, quando indagado se seu propósito é tornar-se ministro da Economia de um futuro governo tucano.